

Pela primeira vez, classe média é maioria da população do país

Total de brasileiros com rendimento de
R\$ 1.126 a R\$ 4.854 chega a 94,9 milhões, revela a FGV

RIO DE JANEIRO - Pela primeira vez, a classe média do Brasil superou o patamar de 50% da população. Entre 2003 e 2009, quase 30 milhões de pessoas ingressaram nessa faixa, que, agora, abrange 94,9 milhões de brasileiros. O cálculo é do economista Marcelo Néri, coordenador do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ele usou como base os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2009, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. No ano anterior, essa camada, identificada pela letra C, representava 49,2% dos brasileiros. Em 1992, apenas 32,5%. A instituição enquadra nesse estrato as famílias com renda domiciliar de R\$ 1.126 a R\$ 4.854.

Nos mesmos seis anos analisados, mais de 20 milhões de brasileiros subiram para as classes A e B, de renda maior. Os que se enquadravam nas classes D e E passaram de pouco mais de 96 milhões, em 2003, para 73 milhões, em 2009. Ainda de acordo com o levantamento "A Nova Classe Média: o Lado Brilhante dos Pobres", a proporção da população que integra as classes D e E, em 1992, é a mesma ocupada hoje pela soma da população das classes A, B e C - mais de 61% dos brasileiros. "Em seis anos, 35,6 milhões de pessoas foram incorporadas às classes A, B e C, o que equivale a mais da metade de um país como a França. Desse total, 10% foram registrados no ano pas-

sado, que foi de crise", explica Néri.

Ele define o período 2008/2009 como um ano de ruim para as elites, mas não para as estatísticas sociais. "A nova classe C hoje é dominante em poder de compra. É ela que vai comandar o país não só economicamente, mas também em termos políticos", avalia o economista. Para ele, há uma "revolução silenciosa" no país, uma vez que, depois do Plano Real e da estabilidade da economia, houve um aumento do bem-estar da população.

Além disso, principalmente a partir da década de 1990, a escolaridade avançou e o tamanho das famílias diminuiu. Já nos anos 2000, o em-

prego formal registrou sucessivos recordes e a renda média individual cresceu com mais ímpeto. "No Brasil, sempre fomos mais cigarras que formigas, entendendo formiga como aquela que pensa no futuro. Está havendo uma transformação. Estamos caminhando para ser mais formigas", compara.

Desigualdade caminha para menor índice

Néri afirma que mais que o consumo é o trabalho que avança no Brasil. "O que está prosperando é o trabalhador brasileiro, mais que o consumidor. Ele não só está comprando mais como vai poder comprar mais lá na frente", afirma. Para o economista, o "boom brasileiro" é de melhor qualidade que o chinês.

pois vem acompanhado de maior equidade. "A China vive uma crescente desigualdade, similar à que vivemos durante o milagre econômico brasileiro dos anos 60", pondera. Já no Brasil, ele destaca que a desigualdade social vem caindo durante toda esta década.

Néri lembra que país caminha para registrar o menor nível de desigualdade desde a década de 1960. Nesses anos, o índice de Gini - principal indicador para auferir a desigualdade social - era de 0,5367. Ele varia de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo de 1, maior é a desigualdade.

A partir de 1970, ainda no milagre econômico brasileiro, a desigualdade aumentou. Na década de 1990, em razão da instabilidade econômica e da inflação, o índice de Gini atingiu 0,6091. A partir do Plano Real, aumentou o bem-estar da população e a desigualdade caiu.

FREDERICO HAKAL



A nova classe C é hoje dominante em poder de compra e estimula o comércio do país

Renda cresce mais de 7% em um ano

RIO - A pesquisa divulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) também revela que a renda média dos brasileiros cresceu 7,7% de julho de 2009 ao mesmo mês deste ano. O percentual é superior à média anual de 3,8%, registrada de dezembro de 2002 a dezembro de 2008. O resultado, de acordo com o economista Marcelo Néri, coordenador do Centro de Políticas Sociais da entidade, reflexo do fato de o país estar às vésperas de eleições gerais. Isso porque, tradicionalmente, este movimento costuma ocorrer em períodos que precedem a ida dos brasileiros às urnas para o pleito presidencial.

Nesse período, enquanto a classe C foi a que mais cresceu em termos populacionais, o destaque para o aumento da

renda ficou com a camada AB. Em julho deste ano, de acordo com o levantamento da FGV, com base agora na Pesquisa Mensal do Emprego (PME), também do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o crescimento da renda média dessas famílias é de 13%, se comparada ao apurado em julho de 2009.

De acordo com o economista, a tendência é que, no futuro, sejam as classes AB as que registrem as maiores expansões populacionais. "Isso é uma consequência do desenvolvimento do país", garante. "O Brasil apresentou crescimento chinês para os mais pobres - e só para eles - entre 2001 e 2004. Mas, no biênio 2005-06, a expansão chinesa ocorreu para todos os estratos sociais", completa Néri.

"Como a desigualdade

caiu e a economia está crescendo, as pessoas são empurradas de baixo para cima, e é isso que aconteceu no Brasil no período de 2003 a 2009. É isso que está acontecendo agora", acrescenta o especialista da FGV.

Carteira de trabalho é símbolo da ascensão

O deslocamento dos brasileiros para classes de renda mais altas revela, segundo ele, o investimento da população em educação e o aumento da oferta de empregos formais, com número crescente de carteiras assinadas no país. Para ele, aliás, um processo sustentável. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho (MTE) mostram que, nos sete pri-

meios meses deste ano, foram gerados 1,7 milhão de postos de trabalho formais.

“O grande símbolo dessa nova classe média é o emprego com carteira de trabalho, que já bateu recorde no ano. E a boa notícia é que tem sustentabilidade. Não é porque os brasileiros estão indo mais às lojas ou porque tem programa social ou porque tem crédito. Isso é parte da história. A questão principal é que o brasileiro fez o dever de casa, gerou renda e está trazendo renda para casa, porque trabalha e estuda”, assinala Marcelo Néri. “Ele é o grande personagem dessa emergência da classe média: ele que fez esse processo”, completa.

O levantamento da FGV aponta ainda que o Brasil saiu da crise “não em fevereiro de 2010, mas em fevereiro

de 2009”. Esse cenário coloca o país em situação bem diferente de países como Índia e China, onde a economia está crescendo com aumento de desigualdade.

Em solo brasileiro, de acordo com a avaliação de Néri, a economia não cresce tanto quanto nos outros países pertencentes ao grupo de emergentes reconhecido pela sigla Bric (Brasil, Rússia, Índia e China), mas apresenta uma expansão com redução da desigualdade. “Essa era a nossa principal chaga”, conclui o economista.

Marcelo Néri afirmou ainda que o Brasil está cumprindo a Meta do Milênio na metade do tempo previsto. “A pobreza tinha que cair 2,7% ao ano e está registrando uma retração de 4,32%, taxa que foi registrada no ano de crise”, ressalta ele.